

MUSEU VIRTUAL DE RADIOLOGIA
Dr. Sidney de Souza Almeida

www.imaginologia.com.br

Copyright © www.imaginologia.com.br

■ EDITORIAL ■

MESTRE CAMINHA

Vivendo de perto a trajetória de Caminha, participando dos triunfos recolhidos que o levaram à celebridade, sobre ele tive ocasião de escrever algumas vezes. Sempre para salientar o professor, o mestre e sua atuação no ensino da radiologia — assim foi na festa comemorativa dos seus vinte e cinco anos dedicados ao ensino da radiologia (1961), na argüição, por escrito, que fiz de sua tese de concurso para professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como membro da Comissão Examinadora (1974), e na passagem dos seus cinqüenta anos de exercício da radiologia (1980). Ultimamente, por ocasião do seu passamento, coube-me o triste privilégio de fazer-lhe, através do órgão oficial do Colégio Brasileiro de Radiologia, o elogio da vida e da obra.

Grande radiologista sobressaindo no grande médico, professor de raras qualidades, reunindo títulos honoríficos nacionais e internacionais da maior expressão, homem de caráter ímpoluto, pronto sempre para servir, foi assim que uma aura legendária lhe envolveu a brilhante personalidade e a figura ímpar. Mas, no fundo da grandiosidade de sua vida e de sua obra, através da aparente simplicidade por que se exprime ou é sentida e expressa, fez-se-me súbita e inesperada revelação. Vivendo a radiologia desde o seu nascimento, praticamente, como especialidade, ele estaria destinado a ensinar a radiologia, a transmitir aos empenhados em aprender a especialidade, desde os primórdios de 1935, mas, o que desejo salientar, de maneira singela, de maneira artesanal, dir-se-ia. Não era o *status* de professor universitário, do titular, que o atraía — “não é o ensino oficial que me seduz; no curso de graduação, por exemplo, transmite-se ensinamento a quem nem sempre está interessado em aprender, pelo menos aquilo que se está ensinando”, disse-me ele, certa vez, quando eu o estimulava a concorrer à titularidade de certa universidade. “Prefiro ensinar aos que me procuram interessados em aprender”, arrematou. Na verdade, praticava o artesanato, a lição mais proveitosa, na metodologia cuidadosa e pormenorizada quando, diante das radiografias, cercado por um pequeno grupo de interessados em recolher-lhe os ensinamentos, salientava os achados e as particularidades em que esses achados se desdobram, envolvendo, quase sempre, a anatomia, a fisiologia, a fisioanatomopatologia e a clínica. Alertei-lhe, certa vez, com a intimidade de amigos que mantínhamos, que chegara o momento de postular uma cadeira na Academia Nacional de Medicina, da qual tempos depois se tornou membro titular. Mas, confessou-me, na ocasião, que esse não era o seu grande desejo.

A revelação dessa verdade que se me fez, não na simplicidade, mas na complexidade de sua vida, de sua obra e

de sua atuação, pareceu-me como se nele, Caminha, fosse resultante de uma consciência própria, que tivesse ele da fase da radiologia que então se atravessava no país, e a necessidade imperiosa e urgente de ensinar a disciplina e formar bons especialistas.

Presente todos os dias nos seus Serviços, encerrado, noites e feriados, em sua grande biblioteca, enriquecida constantemente pela aquisição de novos livros e bons periódicos, dispondo de farta documentação em seus arquivos, não se deu a escrever e publicar, na medida do que era esperado, livros didáticos, ou mesmo artigos científicos para revistas da especialidade. Não é que não o fizesse; escreveu numerosos artigos científicos, escreveu duas importantes teses de concurso para a Docência Livre e uma para a titularidade, em três de nossas universidades. Não, entretanto, em número que seria desejável, tratando-se da grande expressão que foi, é e sempre será o seu nome, reunindo, entre nós, a maior e melhor documentação de radiologia convencional. Sem dúvida, trabalhando constantemente, vivendo, incessantemente, a radiologia que se fazia entre nós, não o fez porque não estava aí o seu interesse maior.

O que ele mais queria era estar sempre diante da mesa de negatoscópios, interpretando radiografias, demorando-se na análise cuidadosa de cada uma delas, e nas considerações que elas suscitam, envolvendo conhecimento das disciplinas básicas, de patologia e de clínica, de medicina, enfim, que ele sabia muito, que conhecia profundamente. Fazia a leitura da radiografia como achava que se devia fazer, isto é, nas linhas e entrelinhas. Nessa tarefa, aparentemente simples, mas de grande alcance para a formação de bons radiologistas e o desenvolvimento do elevado padrão que se desejava para a radiologia nacional (e que não demoraria a ser alcançado), despendeu a maior parte do seu tempo e de sua atividade, por nada menos que sessenta anos.

Bastaria vê-lo, ainda há cerca de dois meses atrás, oitenta e quatro anos feitos, aposentado de suas funções oficiais, encerrada a atividade na clínica particular, bastaria vê-lo dirigindo-se para o Serviço da Santa Casa, sentar-se diante da mesa de negatoscópios e da maquininha de escrever, elaborar seus relatórios e ele mesmo datilografá-los, cercado de interessados em aprender, cumprindo, naquele 5 de janeiro de 1995, véspera de sua morte, a última parte da tarefa luminosa que iniciara em 1935. Esta a revelação inesperada, captada no habitual procedimento de todos os dias em sua atuação — na verdade, lição de doação, a mais persuasiva das suas lições.

Itazil Benício dos Santos